

Povos Indígenas no Brasil

Fonte DOU Class.: _____
 Data 30/08/93 Pg.: 12856-8 suão I

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
 DESPACHO Nº 18, DE 25 DE AGOSTO DE 1993

Assunto: Processo FUNAI/BSB/922/92. Referência: Área Indígena PARANÁ DO BOÁ BOÁ, Interessado: Grupo Indígena Makú. EMENTA: Aprova o relatório de delimitação da Área Indígena em que se refere, com fulcro no Decreto nº 22, de 04 de fevereiro de 1991.

O PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI, tendo em vista o que consta no Processo FUNAI/BSB/922/92, e considerando o Parecer nº 005/CEA/93, de autoria da Antropóloga SILVIA REGINA B. TAUERT, aprovado pela Resolução nº 12/CEA/93, que acolhe, face as razões e justificativas apresentadas, decide:

1. Aprovar as conclusões objeto da citada Resolução para, afinal, reconhecer os estudos e adequações à delimitação da Área Indígena PARANÁ DO BOÁ BOÁ, de ocupação do respectivo grupo tribal Makú com a superfície e perímetro aproximados de 243.500 ha e 250 km respectivamente, localizada no Município de Japurá, Estado do Amazonas.
2. Determinar a publicação no DOU do Parecer, Memorial Descritivo e Despacho, na conformidade do Art. 2º, § 7º do Decreto nº 22/91.
3. Encaminhar o respectivo processo de demarcação ao Ministério da Justiça, acompanhado da Minuta de Portaria Declaratória, para a aprovação.

CLÁUDIO DOS SANTOS ROMERO

PARECER Nº 5, DE 11 DE JUNHO DE 1993

Processo FUNAI/BSB/2403/90. Denominação: Área Indígena PARANÁ BOÁ-BOÁ. Localização: Municípios de Santa Isabel do Rio Negro e Japurá, Estado do Amazonas. Grupo Tribal: MAKÚ NADEB - família linguística Makú, língua Nadéb. População: 105 indivíduos/01 aldeia. Situação Fundiária: Identificada/delimitada pelo Grupo de Trabalho - Portarias R.P. nº 831/87 e nº 1.209/87, com superfície e perímetro aproximados de 165.000 ha / 177.500 km. Adequação do limite norte, objetivando eliminação de "corredor" foi promovida, ratificando a reivindicação dos MAKÚ, alterando superfície e perímetro anteriores, que passam a 243.500 ha / 250 km, respectivamente.

I - HISTÓRICO

Os grupos indígenas pertencentes à família linguística Makú localizam-se na região compreendida pelos rios Uaupés, Negro e Japurá. As línguas desta família, cujo número ainda é desconhecido, distribuem-se de norte a sul, desde o Uaupés, o Papuri e o Tiquié, afluentes do rio Negro, até os afluentes da margem esquerda do Japurá; de leste a oeste, desde o Uneiuxi, afluente do Negro, até a fronteira com a Colômbia, que adentram.

De acordo com Theodor Koch-Grünberg (1906), MAKÚ era a designação que o grupo TARIANA e outros da família Aruaq - invasores - davam aos índios nômades e hostis; eram denominados BOROWA pelo grupo KUBEÚ e BOKSEA pelo grupo TUKAÑO.

Métraux (1948) classificou 03 grupos MAKÚ, ocupantes de regiões distintas: 1. MAKÚ do médio rio Avari, afluente esquerdo do Uraricoera; 2. MAKÚ subgrupo dos PIAROA da savana, da região entre o baixo rio Ventuari e o Orinoco; e 3. MAKÚ da região colombiana do rio Uaupés; e entre os rios Negro e Japurá, no Brasil.

queada e queimada pelos invasores, que raptaram uma criança, em 1916. Em 1917, os MAKÚ fizeram incursão ao cemitério da localidade da Santa fé, a margem esquerda do Boá-Boá, a procura da criança roubada. Em 1920, ata que a casa no lago Boa Vista resultou na morte de não-índios e de índios, além de vários feridos.

Com medo, os invasores mudaram-se para a margem direita do Japurá - local Acanauí, desaconselhando a entrada de outros naquela região.

Mas foi somente em 1943 que a Inspetoria do Amazonas e Acre do Serviço de Proteção aos Índios-SPI interferiu nas relações entre MAKÚ e sociedade regional, quando libertou alguns índios aprisionados pelo pelotão de Vila Bitencourt, ao fazerem visita amigável, à procura de alimento. Em função do ocorrido, o SPI criou o Posto de Atração Antonio Paulo, objetivando a 'pacificação' dos MAKÚ do rio Apaporis. De todo modo, a atuação oficial jamais se estendeu ao Paraná Boá-Boá.

Até a década de cinquenta, a presença de não-índios no Boá-Boá era inexpressiva; em 1952 missionários batistas tentaram aproximação, deixando presentes aos MAKÚ do lago de Boa Vista. A partir daí, os índios passaram a visitar casas de invasores sem incidentes. Sabe-se, entretanto, que nenhuma expedição de seringueiros matou tantos índios quanto as doenças contraídas pelos MAKÚ, em consequência do contato indiscriminado com os regionais.

Ernesto Migliazza, linguista da Fundação Amazônica, localizou em 1956 oito malocas MAKÚ nos lagos de Boa Vista e Jutai, todas elas localizadas no centro da mata e que guardavam traços culturais praticamente inalterados.

Em 1959, Schultz encontrou os MAKÚ do Boá-Boá localizados no centro, entre o lago Jutai e a ilha Apuã. Esses MAKÚ, parentes daqueles do rio Uneuxi, faziam incursões para visitá-los e acertarem casamentos.

A intensificação dos contatos levou os MAKÚ a abandonarem o centro, fixando-se às margens dos lagos, facilitando assim a comercialização de seus produtos, especialmente a castanha. Dependente dos patrões e/ou regatões, o Grupo vê-se reduzido em sua população, vitimado pela gripe e pela tuberculose.

Em fins da década de setenta, as aldeias MAKÚ eram 03: no rio Uneuxi, nos lagos Jutai e Cumari. Em 1979 a aldeia do Cumari foi tomada pelo sarampo e os cinco sobreviventes mudaram-se para a aldeia do lago Jutai.

A aldeia, composta por duas grandes malocas e pequenos tapiris, ainda mantém seu formato original; ao seu redor, agricultura incipiente, tendo a mandioca como maior produção, destinada à farinha para venda e feitura de biju para consumo interno.

Caçadores por excelência, usam habilmente a zarabatana e suas flechas envenenadas com curare são fatais. A coleta de frutos é ainda fundamental para os MAKÚ; igualmente importante é a pesca, realizada com o uso do timbó. Essa atividade tem sido grandemente prejudicada pela incursão de barcos pesqueiros de Manaus, cuja prática predatória impede o ciclo natural da desova, tendo espécies já seriamente ameaçadas.

Dedicam-se também à coleta da castanha, ainda abundante e à venda de objetos utilitários, comercializados pelos missionários.

É grande a exploração de madeira na Área Indígena PARANÁ BOÁ-BOÁ por comerciantes de Tefé que, além de desestabilizarem o ecossistema, lesam os MAKÚ pelo não pagamento correspondente ao número de árvores derrubadas.

Os MAKÚ do Boá-Boá vivem atualmente em situação de grande dependência dos não-índios, em especial dos missionários da Missão Novas Tribos do Brasil, que inclusive exercem ingerência em questões internas da aldeia. A partir de 1985, através de convênio com a prefeitura do Município de Japurá, os missionários iniciaram a alfabetização dos MAKÚ em português; mas o fato é que esses índios mal falam nosso idioma, nem mesmo sabem fazer contas, tornando-se presas fáceis de comerciantes inescrupulosos.

Ainda, a necessidade de aquisição de industrializados tem levado os índios a dedicarem-se mais e por mais tempo às atividades economicamente produtivas, fator de interferência direta em seu ciclo tradicional de sobrevivência e em seu calendário de cerimônias e festas.

II - SITUAÇÃO FUNDIÁRIA

A Área Indígena PARANÁ BOÁ-BOÁ foi identificada/delimitada pelo Grupo de Trabalho - Portarias P.P. nº 831 e nº 1.209, de 06.05.87 e 29.05.87 respectivamente, que apresentou proposta de limites com superfície e perímetro aproximados de 165.000 ha/177.500 km, englobando porção do território tradicionalmente ocupado por este grupo MAKÚ e imprevisível à sua sobrevivência física e cultural.

Levantamento fundiário procedido pelo Grupo de Trabalho apontou a presença de 05 ocupantes não-índios, com benfeitorias passíveis de indenização. A relação dos invasores com os índios é de conflito e de exploração (Proc.FUNAI/BSB/1112/92 - Regularização Fundiária).

Consultados formalmente quanto aos limites definidos em 1987, os MAKÚ NADÉB deram sua anuência através de correspondência datada de 02.01.93, ao mesmo tempo em que solicitaram a correção do limite norte (linha seca), por formar corredor que os separa de seus parentes NADÉB habitantes da Área Indígena Uneuxi, localizada à margem esquerda do rio Uneuxi, afluente direito do rio Negro e confrontante a terra BOÁ-BOÁ.

Analisada a solicitação, esta Comissão considerou justa e aceita tal reivindicação e procedeu a adequação necessária. A eliminação do corredor, além de proporcionar maior controle sobre possíveis invasões da Área Indígena, estará protegendo as cabeceiras dos afluentes diretos do Uneuxi naquele trecho e, finalmente, possibilitará o acesso dos MAKÚ àquele Rio.

Atenta aos procedimentos legais a FUNAI, através de sua Diretoria de Assuntos Fundiários, enviou o OF. nº 137/DAF, de 16.07.92 à Subsecretaria de Estado para Assuntos Fundiários-SEPROR, solicitando informações quanto a existência de ocupantes e/ou detentores de títulos definitivos sobrepostos aos limites de PARANÁ BOÁ-BOÁ.

Silverwood (1980) classificou 05 grupos MAKÚ, assim distribuídos: 1. BARA MAKÚ, no alto Uaupés colombiano e em três regiões menores, com diversificação linguística e cultural; 2. UBDE MAKÚ, ao sul do rio Papuri, afluente direito do Uaupés e fronteira natural entre Colômbia e Brasil; 3. UBDE MAKÚ, também designado HÚPDA, no alto Tiquié e seus afluentes esquerdos; 4. YAHÚP MAKÚ, cabeceiras da margem esquerda do alto Tiquié; e 5. GUARIBA MAKÚ, também conhecido como NADÓB (NADÉB) e KABORÍ, entre a margem esquerda do Japurá e o rio Negro.

O linguista Aryon Dall'Igna Rodrigues (1986) reputa a existência de 06 grupos MAKÚ em território brasileiro: 1. MAKÚ BARA, ao norte do rio Uaupés, entre este e o Içana (extremo noroeste do Amazonas); 2. MAKÚ HÚPDA, entre os rios Papuri e Tiquié; 3. MAKÚ YAHÚP (YAHÓP), ao sul do Tiquié, de sua foz no Uaupés até a fronteira com a Colômbia; 4. MAKÚ NADÉB (NADÓB), ao longo do rio Uneiuxi; 5. MAKÚ KAMÁ, alto rio Maiuari (afluente do Japurá); e 6. MAKÚ GUARIBA, margem esquerda do rio Japurá.

Os MAKÚ NADÉB habitam secularmente a região compreendida entre o rio Negro e os afluentes da margem esquerda do Japurá, onde vivem dispersos e isolados em pequenos e vários bandos, em diferentes graus de contato com a sociedade nacional.

As primeiras referências sobre os índios MAKÚ datam do início do século XIX, quando da exploração do rio Japurá, ainda livre dos não-índios, apesar de que a penetração do noroeste do Amazonas por missões rios católicos teve início já a partir da segunda metade do século XVIII.

Em 1820, von Martius localizou grupos MAKÚ nos rios Japurá, Cauabori, Padauari, Urubaxi, Marié e Coriuriay; em 1831, Natterer encontrou um Grupo nos rios Tea e Ija (afluentes do Marié); em 1839, Baena mencionou que "na fronteira do Rio Negro todo o torrão jacente entre o Rio Uaupés e o Japurá, habitado os gentios Tabocas, Curutús, Cumucumans, Macús, Queuanacans..."

Entre 1848 e 1852, Wallace localizou grupos MAKÚ nas matas e serras próximas aos rios Marié, Curicuriari e Urubaxi; em 1851, Herndon localizou-os no Japurá e entre os rios Cuiuni, Urubaxi e Japurá; em 1852, Silva Araújo e Amazonas localizou MAKÚ nos rios Japurá, Uaupés, Cauabori, Padauari e Urubaxi; em 1853, Spruce encontrou grupos MAKÚ em toda a extensão do rio Negro e entre o Negro e o Japurá; em 1887, Courea localizou os MAKÚ na margem direita do rio Negro, no Uaupés, nos arredores de Manaus até os Andes.

Os MAKÚ do Boa-Boá (margem esquerda do Japurá) eram denominados KABORÍ pelos não-índios, mas se autodenominavam MAKÚ; os KABORÍ da Roçada (alto Uneiuxi) se autodenominavam MAKÚ; os MAKÚ da região fora da abrangência do rio Uneiuxi eram chamados KAMÁ ou KAMÁ; os MAKÚ localizados entre os rios Negro e Japurá eram denominados NADÓB ("gente") - os MAKÚ "bravos", sem contato com a sociedade nacional.

De acordo com Tastevin (1923), os MAKÚ do Urubaxi usavam "NADÓBO" como autodenominação, mudando mais tarde para "NADORA", a fim de se distinguirem dos MAKÚ hostis aos regionais.

Münzel (1958) atribuía a diversidade de denominações ao grupo MAKÚ em função "... da difícil situação emocional dos Kaborí em face, por um lado, do desprezo generalizado por parte dos regionais, que os rejeitam (por serem feios, inferiores e pobres) e, por outro, da necessidade econômica de integração ..."

Os MAKÚ do Paraná Boa-Boá antigamente eram considerados "bravos" por moradores da região, então indicada como parte do reduto dos GUARIBA - significando a não-integração, a pobreza material, a hostilidade à sociedade nacional.

Dessa forma, KABORÍ ou NADÓB são os antigos GUARIBA ("bravos"), que "viraram" MAKÚ "mansos" - considerando-se aí os GUARIBA, os KABORÍ e os NADÓB como grupo único - MAKÚ. O contato com os regionais, pacífico ou não, os transformou em "mansos", levando-os ao rompimento de relações amigáveis com os "bravos".

Assim, a vida nômade e guerreira dos MAKÚ do rio Japurá pode ser explicada como resultado do ressentimento às caças de escravos de que foram vítimas e a crescente pressão das frentes colonizadoras sobre seu território e que promoviam os "descimentos" e os "amansamentos", muitas vezes consequência de alianças entre outros grupos do rio Negro (os TUKANO, por exemplo) e regionais, objetivando a escravização MAKÚ.

Obrigados a trabalharem para patrões (índios e não-índios), caçados como escravos, vendidos para longe de suas terras (a serviço de europeus), os MAKÚ viviam em casinhas provisórias na mata, próximos aos sítios dos patrões, dedicando-se sobretudo à coleta de frutos silvestres. A íntima relação dos MAKÚ "mansos" com a mata pode ter sido reforçada pelas atividades de coleta e por sua vida errante, na qual a mata tem função de 'zona de segurança'. O contato com a 'civilização' aproxima-os de seus antepassados e de seu nomadismo.

Apesar de vários grupos MAKÚ manterem contato antigo com neobrasileiros - os rios Uneiuxi e Urubaxi eram caminhos usados para acesso do Negro ao Japurá - e desde o século XIX aqueles índios frequentarem lugarejos de comerciantes fixados no baixo curso do rio Negro (Nossa Senhora das Caldas, Tapuruquara, Santo Antonio do Castanheiro, Loreto, Canindé e outros), seja como "aldeados" ou na condição de "descidos".

A ocupação definitiva do rio Japurá deu-se em 1905, com a fixação de não-índios nas localidades de Igualdade, Santo Antonio da Mameloca e na boca do rio Purué.

Vários grupos habitantes daquela região já haviam desaparecido (YURI, PACÉ, XOMANA, KOERUNA); os MAKÚ GUARIBA dominavam o Japurá e mobilizavam-se para expulsar os primeiros invasores; ataques aos não-índios do Paraná Mameloca resultaram no rapto de mulheres brancas...

Em 1910, em pleno ciclo da borracha, cresce o número de invasores (seringueiros) e provoca ataques MAKÚ aos barracões. Em represália, expedição ataca grande aldeia no Igarapé Preto de São José, matando mulheres e crianças, únicos MAKÚ presentes naquele momento. No mesmo ano, para vingar a morte do colombiano Benito Calderón, acontecida acima da boca do Paraná Boa-Boá, seus compatriotas organizam expedição e raptam mulheres MAKÚ. Em 1913, vários barracões de seringueiros no Paraná Boa-Boá e lagos Mopari e Boa Vista foram saqueados pelos MAKÚ. Expedição de seringueiros ataca grande aldeia no Igarapé de Boa Vista, sa

O OF. SEPROR/SAF/Nº 14, de 03.03.93 apontou a existência das Glebas "Vista Alegre" e "Nova Vida", com incidência total e parcial, respectivamente, sobre os limites MAKÚ. Informou ainda inexistirem títulos definitivos dentro dessa Área Indígena.

Finalmente faço constar que, de acordo com a correspondência enviada à FUNAI em 02.01.93, a Comunidade MAKÚ atesta a inexistência de quaisquer ocupantes ao longo da faixa de terra aqui denominada "corredor".

III - CONCLUSÃO

Considerando que a Área Indígena PARANÁ BOÁ-BOÁ constitui-se em porção do território ancestral do grupo MAKÚ NADÊB e da qual retira os meios para sua sobrevivência física e cultural, esta relatora é favorável ao aproveitamento dos estudos de identificação/delimitação realizados em 1987, bem como aprova a adequação do limite norte dessa terra indígena, com superfície total de 243.500 hectares aproximadamente, solicitando a esta Comissão a publicação do presente parecer no Diário Oficial da União e seu encaminhamento ao Ministério da Justiça, para aprovação.

SILVIA REGINA BROGIOLO TAFURI

MEMORIAL DESCRITIVO DE DELIMITAÇÃO

DENOMINAÇÃO
ÁREA INDÍGENA PARANÁ BOA-BOA

ALDEIAS INTEGRANTES
LAGO DO JUTAI

GRUPOS INDÍGENAS
MAKU-NADÊB

LOCALIZAÇÃO

MUNICÍPIO: JAPURÁ E SANTA ISABEL
DO RIO NEGRO

ESTADO: AMAZONAS

UNIDADE REGIONAL: ADR SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA

EXTREMOS	COORDENADAS DOS EXTREMOS	
	LATITUDE	LONGITUDE
NORTE	01 27' 40" S	67 07' 30" Wgr.
LESTE	01 44' 24" S	66 47' 15" Wgr.
SUL	01 52' 08" S	67 02' 41" Wgr.
OESTE	01 44' 08" S	67 29' 36" Wgr.

NOMENCLATURA	BASE CARTOGRÁFICA		
	ESCALA	ÓRGÃO	ANO
SA.19.X-D.ou MIR-72	1:250.000	DNPM	1:977

ÁREA : 243.500 ha (Duzentos e quarenta e três mil e quinhentos hectares aproximadamente).
PERÍMETRO : 250 Km aproximadamente.

Descrição do Perímetro

NORTE : Partindo do Ponto 01 de coordenadas geográficas aproximadas 01 36'10"S e 67 28'10"Wgr., localizado na foz de um igarapé sem denominação no Rio Uneixi; daí, segue no sentido jusante pelo citado rio até a confluência do igarapé sem denominação, no Ponto 02 de coordenadas geográficas aproximadas 01 29'50"S e 66 52'20"Wgr.

LESTE : Do ponto antes descrito, segue no sentido montante pelo citado igarapé até sua cabeceira, no Ponto 03 de coordenadas geográficas aproximadas 01 33'40"S e 66 52'20"Wgr; daí, segue por uma linha reta até a cabeceira do Igarapé Zoapa, no Ponto 04 de coordenadas geográficas aproximadas 01 38'10"S e 66 49'10"Wgr; daí, segue no sentido jusante pelo citado igarapé até sua confluência no Igarapé da Joana, no Ponto 05 de coordenadas geográficas aproximadas 01 41'36"S e 66 46'53"Wgr; daí, segue no sentido jusante pelo citado igarapé até sua confluência no Rio Mirim Pirajuana, no Ponto 06 de coordenadas geográficas aproximadas 01 44'24"S e 66 47'25"Wgr.

SUL : Do ponto antes descrito, segue no sentido montante pelo citado rio até a confluência do Rio Japurá, no Ponto 07 de coordenadas geográficas aproximadas 01 52'08"S e 67 02'41"Wgr; daí, segue no sentido montante pelo citado rio até a confluência do Paraná do Cumaru, no Ponto 08 de coordenadas geográficas aproximadas 01 46'30"S e 67 24'50"Wgr; daí, segue no sentido montante pelo citado paraná até o Ponto 09 de coordenadas geográficas aproximadas 01 44'08"S e 67 29'36"Wgr., localizado no Lago do Cumaru.

OESTE : Do ponto antes descrito, segue por uma linha reta na direção nordeste até o Ponto 10 de coordenadas geográficas aproximadas 01 38'00"S e 67 28'30"Wgr., localizado na cabeceira de um igarapé sem denominação, afluente da margem direita do Rio Uneixi; daí, segue no sentido jusante pelo citado igarapé até o Ponto 01, inicial da descrição.

JOSÉ JAIME MANCIN

(Of. nº 77/93)